S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 2 agosto de 1914 — ANO XIII — N. 254

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

O horrivel desastre nas obras da Catedral

A omnipotencia divina não proteje os que lhe constroem a casa — Os catolicos empreiteiros, na ancia de enriquecer á custa do suor alheio, causam a morte de quatro trabalhadores — O revoltante tartufismo da canalha grauda, que o povo repele dignamente — Uma boa lição dada aos pulhas e o belo protesto publico de sabado.

São passados oito dias e, apesar de um novo acontecimento, de caracter internacional e de imensas proporções ter vindo pôr em sobresalto todas as atenções, perdura ainda no espirito publico desta cidade a dolorosa impressão produzida pelo horrivel desastre ocorrido na sexta-feira passada nas obras da Catedral que se vai levantar no largo da Sé.

E grande seria a nossa dôr, se tivessemos de dizer o contrario.

Sim, porque mostrar-se indiferente diante de uma ocorrencia de tal feição e de tanta gravidade, seria dar uma acabrunhante demonstração de menosprezo pela infelicidade alheia, de corrupção dos bons sentimentos, de decadencia moral do povo.

Felizmente, porêm, apesar de toda a deleteria obra sorrateira e velhaca da gente do Vaticano, da acção nefasta da politicagem interesseira e das violencias continuadas dos dominadores de todas as escolas governamentais, — o povo, que vive do seu trabalho penoso e é escassamente remunerado, conserva sempre são, embora ás vezes abafado pela miseria ou pela tirania, o sentimento grandioso da solidariedade social que, despertado por choques tremendos como o de sexta-feira, manifesta-se, em belas explosões de vontade, nas ruidosas demonstrações populares.

Foi o que se verificou com o crime — empregar outro qualificativo é faltar com a verdade — das obras da construção do futuro templo-mór dos clericais paulistanos.

Mas como nem todos os que recebem a *Lanterna* leem os diarios de S. Paulo que, aliás, em muitos pontos sacrificaram a verdade dos factos, damos a seguir as nossas notas, detalhando-as tanto quanto nos permite a estreiteza do espaço disponivel.

Devemos, portanto, começar por dizer como se deu

O desastre horrivel

Abria-se uma valeta de varios metros de comprimento por outros tantos de largura e de profundidade em um terreno já anteriormente removido. A terra dela retirada fôra amontoada aos lados, onde tambem funcionava uma maquina a vapor com a carpintaria. Na rua, ao lado, passam os pesados bondes da Ligth e os irregadores publicos. E, apesar de tudo isso, não haviam feito o devido escoramento das paredes!

Consequencia: a que todos sabem.

Não era previsto o desastre? Era-o, sim, por todos que lá trabalhavam. De ha dias que os operarios mais zelosos pela sua vida vinham faltando ao trabalho. No mesmo dia em que se deu a desgraça, um operario chamou a atenção do engenheiro para o perigo iminente. O homem deu de ombros e, como não tinha de descer ao buraco, ordenou que proseguissem nos trabalhos.

Momentos depois do aviso dado pelo trabalhador ao pergaminhado criminoso, desabavam as paredes da valeta onde, detidos pela necessidade impelente de ganhar o bocado de pão para os filhos e cheios de angustia, trabalhava mais de uma dezena de pais de familia, que lá ficaram soterrados vivos!

Horas após, quatro das infelizes vitimas da ganancia dos endinheirados foram desenterrados já cadaveres e mais de oito feridos.

A terrivel noticia correu celere por todos os recantos de S. Paulo, levando a dôr e a indignação a todos os corações bem formados.

O deshumano desprezo pela vida preciosa dos que trabalham a todos os homens de sentimentos bons revoltou.

Se não ha dia em que os jornais deixem de noticiar um ou mais desastres nos quais perecem ou ficam inutilizados os trabalhadores, cujas familias são dessa fórma atiradas ao abandono, este, pelas chocantes circunstancias que o rodearam, provocou uma viva impressão no espirito publico.

Os representantes das organizações operarias e avançadas, com simpatica espontaneidade, reuniram-se no mesmo dia e resolveram convidar os trabalhadores a acompanhar o enterro dos seus companheiros e realizar no dia imediato um comicio de protesto.

O enterro

Não fôra a estupida brutalidade da policia e a má vontade da imprensa e o enterro dos desventurados obreiros teria sido uma demonstração popular de rara imponencia.

Todos os trabalhadores que por aí andam na desocupação forçada e os que deixaram propositalmente de trabalhar, formariam, certamente, um cortejo imenso a desfilar por essas ruas como um protesto contra os assassinos do povo.

Mas a policia, negando informações até ás familias, e a imprensa, que não indicou a hora e o ponto de partida, fizeram com que apenas a umas duas centenas, mais ou menos, de pessoas, reunidas á ultima hora, se reduzisse o numero daqueles que foram até ao Araçá.

Entretanto, mesmo assim, bastante significativo foi o que se fez, como os leitores verão pelas nossas notas, neste ponto minuciosas, por terem os jornais, que não estiveram representados, mentido sobre o que se passou.

O saimento

realizou-se do necroterio da Central, á rua 25 de Março, pelas 10 horas da manhã, quando todos esperavam que se desse á tarde.

Foi um espetaculo comovente e revoltante ao mesmo tempo.

Sentimo-nos amargurados ante o desespero daquelas pobres viuvas, daqueles irmãos desolados e pequeninos orfãos, que ali assistiam, entregues ao seu pranto angustiado, a partida dos seus queridos para a morada derradeira.

(Segue na 2.ª pagina).

As forças teem atirado sobre o povo que em muitas cidades da Europa realiza manifestações de protesto contra a guerra.

(Dos telegramas)



— Abaixo a guerra! Viva a confraternização dos povos! E agora podeis atirar!... Mas não vos esqueçais de que sois nossos irmãos, pois do nosso meio saistes e para ele voltareis. Atirai, cains modernos!

Venais! Patifes! Hipocritas!

Com estes tres amaveis epitetos, acompanhados cada um, como vêem, do seu ponto de admiração, assim termina o bilhete anonimo abaixo que alguem que não é dificil adivinhar a que classe, a que especie de gente pertence, enviou em envelope fechado á Liga Anti-clerical.

«Patifes! Recebem dinheiro da verba secreta para caluniar um livre pensador. Não auxilio p... (a palavra no original está por estenso). Quando o Rodrigues Alves governava fazendo promessas á Nossa Senhora da Aparecida (donzela parideira) vocês ficaram calados lambendo o c... (tambem está por estenso) dos ministros. Agora mesmo está o Arcoverde, ligado a frades estrangeiros, gatunando bens nacionais, e vocês não reclamam porque querem comer e, por traz das cortinas, estão comendo. A primeira obrigação do livre pensador é amar e querer a liberdade; e não pode amar a liberdade quem calunia e insulta um exilado. Vocês não gostam de D. Luiz, ateu sincero, porque ele meteria os ladrões na cadeia se para cá viesse. Medo de gente honesta é o que os impressiona, venais! patifes! hipocritas!»

A missiva veiu acompanhando um recorte do jornal carioca *A Noite* que ha dias transcreveu a circular que a Liga Anti-clerical está enviando aos livres-pensadores, tendo-a precedido com o titulo: «Tenta-se transformar o Brasil num Imperio clerical? — A Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro o afirma, dizendo estar o principe D. Luiz á testa do movimento.»

Eis a circular:

«Ilm.º Sr.

Tomamos a liberdade de chamar a vossa atenção para o seguinte:

O jornal inglez *Lancashire Daily Post* ha pouco escreveu: — «A Santa Sé tem ultimamente enviado varios emissarios secretos ao Brasil, á Argentina e outros paizes sul-americanos, afim de estudar cuidadosamente as condições politicas e ver quais são as possibilidades de uma forte reacção clerical.

No Brasil, especialmente, este movimento já está sendo iniciado e, graças ás manobras dos jesuitas, o principe D. Luiz de Bragança, que é conhecido pelo seu extremo fanatismo catolico, prontificou-se a colocar-se á frente de uma campanha monarquista, com o intuito de restabelecer no Brasil um Imperio clerical». (Trecho do artigo sob o titulo «Plano da Igreja Catolica na Europa e na America.)

Esta associação já, ha tres anos, está empenhada na luta contra os homens da reacção, contra a «Internacional Negra», na frase de Haeckel, que pretende restaurar no Brasil o imperio clerical, como acabais de ler, e tem á sua frente um principe dedicado á Curia Romana.

Porêm um grupo de homens de boa vontade resolveu trabalhar para que tal não suceda, opondo aos projectos clericais a propaganda dos principios de emancipação do pensamento humano, livre da tirania e do jugo de Roma.

Quereis auxiliar-nos nesta grande obra?

Enchei o *coupon* e enviai-o a esta associação, á rua do Areal, n. 38.

A Directoria.»

Como vêem, ha no conceito que de nós faz o furibundo defensor do futuro imperador sul-americano e *ateu* duas asseverações que devemos reter de preferencia tão estupidas são: a primeira, é a que assevera estar-mos recebendo dinheiro da verba secreta. Que respondam o dr. Coelho Lisboa, o dr. José Oiticica, o tabelião Gabriel Cruz e os que ha perto de quatro anos vêm lutando sem que nem ao menos tenham podido abrir a nossa escola, sonho que ainda não sabemos quando se transformará em realidade, tão grandes são as dificuldades que temos de vencer.

Quanto á segunda, diremos que não nos custa crer no ateismo de D. Luiz, porque nos repugna francamente admitir que possa haver ainda hoje um homem instruido, um individuo de mediana inteligencia, alguem enfim que raciocine que possa sinceramente, de boa fé, crer em um Deus antropomorfo, na infalibilidade dos papas, na virgindade de Maria, no céu ou no inferno e em outros absurdos iguais.

Voltaire era ateu, porêm achava bom, dizem, que não se dissesse toda a verdade ao povo para se o poder governar.

Assim fazem, assim comprendem tambem os que pretendem nos fazer retrogradar, o que nos parece impossivel, aos *belos tempos* do clericalismo omnipotente.

Entretanto pensamos que quem pleteia um trono deve ser cauteloso, escolher gente circunspecta, pesando o que diz e o que afirma para que não lhe aconteça como fez o tal amigo urso de que nos fala o fabulista francez que, querendo matar a mosca que pousara no rosto do amigo quando este dormia, atira lhe uma enorme pedra, esmagando-lhe a cabeça.

Ora, haverá quem se bata em toda a extensão do vastissimo territorio brasileiro por um ateu para coloca-lo sobre um trono, quando todos estamos fartos de demonstrar que o trono e o altar são duas instituições que se atráem, como a agua e o fogo dois elementos que se repelem?

Afirma o homem que se o principe para cá viesse, com a corôa, já se vê, «meteria os ladrões na cadeia».

Precisamos saber de que categoria, de que especie de ladrões se trata.

Se é das duas especies escovadas que conhemos, podemos, então ficar tranquilos, porque não se realizará a restauração com um tal programa.

Aqui ficamos, pedindo desculpas mil ao nosso honrado missivista, e ao mesmo tempo agradecendo-lhe o serviço valioso que prestou á causa do *falso* livre-pensamento — o verdadeiro é o do principe — e á Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro com a sua inspirada lembrança.

Rio, 26 — 7 — 914.

Adrecal.

Abaixo a guerra!

Promovido pelas agremiações avançadas, realiza-se amanhã, domingo, ás 19 horas, no largo da Sé, um comicio de protesto contra a furia sanguinaria e guerresca dos grandes potentados.

Todos os homens de sentimentos elevados devem comparecer a esta reunião para juntar o seu brado de protesto ao dessas falanges imensas que por toda a Europa se manifestam contra essa monstruosidade — que é a guerra.

Abaixo a guerra! Viva a solidariedade humana!

DE PARIS

OS NEO-VERSALHESES

Desde o dia em que Luiz XIV, que detestava os parisienses por, em criança, ter sido obrigado a fugir diante deles com a senhora sua mãe, instalou a sua prestigiosa tirania em Versalhes, tornou-se esta cidade a Meca da monarquistaria francesa.

Ali, está-se ao abrigo das explosões de colera que, de tempos a tempos, sacodem a capital e fazem aparecer, por trás da mascara estalada da Babilonia moderna, a alma da revolução.

Em Versalhes, os reis e a sua corja tiveram durante um seculo Paris sob a sua pontaria e a França sob o seu chicote. Até ao dia em que o povo, com as mulheres á frente, de lá os foi arrancar, instalando-os sob as suas vistas e os seus chuços, para os obrigar a andarem direito.

Thiers, primeiro presidente da «Republica sem republicanos», lá se estabeleceu com a assembleia legitimista-orleanista empenachada de bispos, enquanto o exercito, ás ordens de Mac-Mahon e dos outros militarões bonapartistas, preludiava com o bombardeamente de Paris — o morticinio dos parisienses.

Versalhes tinha tudo para lhes agradar: não só o seu palacio e os grandes bosques circunvizinhos, mas tambem a sua população, que, descendente em boa parte dos lacaios do Rei-Sol, tinham destes conservado o espirito. As suas meretrizes de guarnição, flores de todos os salões, enterravam com uma mestria que ficou celebre a ponta das sombrinhas nos olhos ou nas chagas sangrentas dos prisioneiros federados.

Em Versalhes, os reaccionarios, — presidente, ministros e parlamento, — sentiam-se a coberto para perpetrar os seus tramas liberticidas. Pelo contrario, os deputados republicanos radicais (etiqueta que, na ocasião, significava alguma coisa) pareciam de certo modo refens.

Por isso, na queda do Mac-Mahonato, a volta da Assembleia a Paris foi tida como uma vitoria.

Agora, temos Raimundoff Poincarévitch, prefeito de nosso paizinho o tsar, retomando com mais velhacaria a tradição de Foutriquet e do vencido de Sedan.

Sob o pretexto de faltar agora o espaço no Palacio-Bourbon, lança-se no *Matin* o balão de ensaio duma transferencia do Parlamento para Versalhes.

Os nossos pobres deputados já não teem para respirar oxigenio bastante no seu antro legislativo — empestado (coisa que ninguem acrescenta) por tantas tarefas nauseabundas.

Que seria então se estivessem condenados a labutar na oficina e a dormir em pocilgas operarias?

No interesse da sua preciosa saude, é preciso leva-los para Versalhes. Ali, ao abrigo dos choques electricos que sacodem por vezes a capital, ficarão frescos e rosados como amorinhos. Briand deixará de ser amarelo; os direiteiros andarão alegres e saltitantes, respirando as salubres emanações outrora evoladas dos de Cumont, Belcastel e outros de Lorgeril.

Quanto aos socialistas, ganharão logo juizo e Jaurés guardará o seu raio, para soprar na flauta campestre de Titiro.

Pois bem, não! Sem que do Parlamento esperemos outro serviço que não seja o seu desaparecimento (eliminação do velho organismo politico pelo novo organismo economico), preferimos tê-lo perto de nós. Ainda que não seja senão para poder um dia lá penetrar... *extraparlamentarmente*, á moda do 4 de Setembro!

Paris, 11 de julho de 1914.

Carlos Malato.

Comicios Contra a Guerra

Em S. Paulo

Conforme anunciamos na primeira pagina, realiza-se amanhã, ás 19 horas, no largo da Sé, um comicio popular.

Esse meeting é promovido pelo Comité de Relações dos Grupos Libertarios, que, alêm das agremiações que o formam, já conta com a adesão do Sindicato Operario de Oficios Varios, da *Lanterna*, de *La Propaganda Libertaria*.

O Comité tem se reunido todas as noites, o que fará novamente hoje, na séde do Centro Libertario, á rua Riachuelo, 41, onde aguarda a adesão das demais agrupações ou individuos.

O comicio é realizado com o fim de ser lançado um protesto contra a guerra que neste momento convulsiona a Europa, aproveitando a oportunidade para se protestar contra as leis de repressão ao movimento operario e social, contra os acidentes no trabalho e contra a calamitosa carestia da vida e a desocupação.

Os cidadãos de todas as classes populares são convidados a afirmar neste comicio as suas ideias e sentimentos de reivindicação e o seu desejo de acabar de uma vez para sempre com todos os males sociais.

Em Santos

Promovido pela Federação Operaria Local, realizar-se-á amanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, na Praça Teles, um comicio do proletariado santista para lançar o seu protesto contra a guerra.

Escola Moderna de S. Paulo

A festa em beneficio da Escola Moderna de S. Paulo, de que já nos ocupamos em nosso numero passado, deverá ter realização na Vila Taide, no dia 30 do corrente, com um programa bem escolhido, cuja publicação será feita oportunamente.

Entretanto, podemos adiantar que, alêm da quermesse e leilão de prendas, a festa constará de hinos, cantos escolares e conferencia, em que tomarão parte alunos e professores das escolas n.º 1 e 2.

Reunião escolar na Escola Moderna n. 2

Séde: Rua Miler, 74 (Braz)

Realiza-se amanhã, ás 14 horas (2 da tarde), conforme anunciámos, a festa escolar promovida pelo professor desta Escola.

Os alunos cantarão e recitarão e o companheiro Adelino de Pinho, seu professor, fará uma palestra sobre o tema — «Educação fisica.»

Para assisti-la são convidados todas as pessoas que se interessam pelo grande problema da Escola Moderna.

O desastre nas obras da Catedral

(VEM DA 1.ª PAGINA)

(VEM DA 1.ª PAGINA)

Apresentava-se-nos ao espirito a negra perspectiva que aquela pobre gente tinha diante de si com a morte dos que lhes eram o amparo.

Mas esse sentimento de dôr foi abafado pela indignação, a custo repremida, de que nos sentimos apossados ao presenciar a desfaçatez, o semvergonhismo de uns tantos desses tipos que vivem enchafurdados nos seus contos de réis e ali tinham ido, metidos nas suas finas sobre-casacas e cartolas, tartufescamente exteriorizar sentimentos falsos e mentirosos.

Lá vinham eles, os intrusos odiosos, de dentro da Central, onde, aliás, estavam bem, carregando os caixões daqueles de quem em vida jámais se haviam lembrado. Fechava o sequito a negra figura de um padre que, como os corvos a farejar carne morta, lá havia corrido para borrifar sobre os corpos mutilados dos desgraçados a sua agua emporcalhada.

E o triste cortejo poz-se em movimento. Os parasitas, os gosadores ociosos iam nababescamente refestelados nas suas comodas caleças, tiradas por vistosas parelhas e guiadas pelos empertigados cocheiros de aviltante libré de botões luzentes.

Junto aos carros mortuarios, como que a guarda-los das garras dos hienas que vinham atrás, caminhavam os homens do povo, a pé, frontes espostas ao sol tepido da manhã de inverno.

Iam em silencio, perturbado, apenas, de quando em vez, pelo pranto das parentes das vitimas.

Era a mudez dos revoltados. A dôr e a indignação anquilozara todas as vontades, que haviam de explodir pouco depois.

E neste caminhar penoso, foi-se até á mansão dos mortos. Vimos descobrirem-se, consternados, os trabalhadores, as mulheres, os velhos, as crianças, que corriam para presenciar o triste desfilar.

Eis-nos, enfim, chegados. Ia se repetir o espetaculo revoltante de tartufismo! Os apatacados iam certamente exibir novamente o seu desbrio pegando nas alças dos caixões!

Era isso toleravel? Deveriam os trabalhadores consentir que se repetisse a afronta.

Por certo que não. Aos parias cabia a vez de carregar os corpos dos parias tombados vitimas da exploração dos patricios modernos.

E um a um foram por eles os caixões retirados dos carros.

Os jesuitas de casaca notaram que estavam de mau partido e não se opuzeram. E, sempre silenciosos, mal se havia transposto o portão do cemiterio, aparece novamente a ave de rapina, o padre maldito.

Tinha as feições perturbadas. Estava palido. Faiscavam-lhe os olhinhos encovados.

— Tirem o chapeu! — disse ele brutalmente.

— Não tiramos! Que o tire quem assim o entender. Aqui não deve imperar a crença de ninguem.

— Levem os corpos para a capela!

— Nós não os levamos. Entretanto, não nos oporemos a que o façam os que com esse acto estiverem de acordo, se os membros das familias dos mortos assim o determinarem.

— Então não querem que encomende este corpo? nem este? nem este?

— Não! foi a voz geral.

E deu-se então

A fuga dos tartufos

Fugiram todos ante a vontade firme dos proletarios.

Os mais cautelosos nem sequer desceram das suas carruagens ao verem o desfilar dos trabalhadores com os caixões.

Fizeram fustigar os animais e, estugando o caminhar, trataram de retroceder.

Apenas o padre e um senhorão encartolado se atreveram a entrar. Este esgueirou-se logo, cauteloso, por entre as aléas e desapareceu. O padreco, por sua vez desfigurado, chamou o coroinha e lá se foi, sem olhar para trás. O cocheiro sacudiu as redeas — e vimo-lo segundos após desaparecer numa volta distante.

Pensamos então: Ah! se estivessemos no tempo de Torquemada!

Estavam, alfim, livres os homens do trabalho da presença dos intrusos detestaveis.

Restavam, porêm, ainda, vistigios da sua odiosa intervenção naquele acto de solidariedade humana. Das coroas pendiam fitas com dedicatorias da comissão construtora da Catedral e dos directores das obras.

Arranca-las e rasga-las foi obra expontanea e de um momento.

Disseram-se, então, as palavras de despedida, falando os companheiros A. Nalepinski, Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth. E os caixões foram transportados para as covas, que ficam lá em baixo, na fralda da colina, bem distante das quadras dos argentarios, onde os brancos marmores e as ricas grades quebram a tetrica monotonia do lugar.

Que doloroso momento aquele! Um pequeno, filho de um dos mortos, que fizera aquela estafante caminhada a pé, e um forte jovem, irmão de um outro, choravam, cheios de desespero, ao verem descer á sepultura os corpos dos seus bem amados ainda na vespera sãos e robustos.

Disseram ali as derradeiras palavras de despedida os companheiros José Romero e Ambrosio Chiodi.

E assim foi feito o enterro das infelizes vitimas do desastre do futuro palacio da cleri-canalha paulistana.

O comicio

Teve um exito completo.

Sem que fossem distribuidos boletins, convocado apenas por pequenos avisos, perdidos, em letra miuda, no noticiario dos jornais do dia, a sua concorrencia foi de alguns milhares de manifestantes, que, com uma notavel pontualidade, lá estavam, á hora marcada, no vasto largo da Sé, dispostos a estigmatizar o procedimento criminoso dos directores das obras da Catedral.

Precisamante á hora determinada, 6 da tarde, subiu á improvisada e incomoda tribuna, um carrinho de materiais, o primeiro orador, o companheiro Zeferino Oliva, falando a seguir os companheiros José Rodrigues. A. Botelho, José Romero, A. Nalepinski, A. A. Cerveira, T. Monicelli, Edgard Leuenroth, um outro operario do qual não soubemos o nome e os srs. dr. Oscar Tollens e Quintino de Macedo.

Desses oradores dois falaram em espanhol, um em italiano e os demais em portuguez.

Impossivel seria resumir aqui tudo quanto disseram todos os que dirigiam a palavra ao povo.

Demonstrou-se que o desastre por todos lamentado tinha sido provocado pelo despreso á vida do trabalhador, despreso diariamente evidenciado nos cotidianos desastres; falou-se da situação de miseria das familias das vitimas desses accidentes e salientou-se a necessidade da união do proletariado para a defesa dos seus direitos e da sua vida.

A massa compacta que rodeava, num vasto circulo, a tribuna demonstrou com os aplausos calorosos e as suas aclamações ruidosas a sua solidariedade aos protestos dos oradores.

O estado de espirito dos manifestantes, abalado pelo acontecimento gravissimo, patenteou-se claramente, numa explosão de invectivas clamorosas quando um dos companheiros, verberando o tartufismo da jesuitada de casaca, mostrou as fitas que, como um escarneo á dôr dos proletarios, haviam colocado sobre os caixões das vitimas da sua deshumanidade.

Duas horas depois encerrou-se o belo comicio por entre vivas ao proletariado e morras á canalha grauda.

As vitimas

Francisco Justo Lopez, Florentino Borba, Serafino Burgati e Antonio Joaquim Fernandes — eis os nomes dos quatro desventurados obreiros que a ganancia descomedida dos argentarios arrastou á morte.

Um deles, ao que parece, era partidario dos nossos ideais.

Oxalá a sua morte seja vingada com a acção constante e energica dos trabalhadores na luta em prol da sua causa.

O "lepra" escorraçado

O coroado que, *gratuitamente*, acompanhou o enterro e teve de meter a sua viola no saco e azular do cemiterio chama-se Manuel Pais Alexandre e é o coadjutor da Sé.

Veiu para o Brasil na enxurrada com que Portugal empestou esta terra quando de lá expulsou a corja negra.

E' o ordenança do perfumado conego Manfredo Leite, com quem anda sempre, de capa atirada ao ombro e de bengala em punho.

Ecce homo!

A tartufesca comitiva

Era toda composta de gente do alto bordo clerical, de refinadissimos jesuitas de casaca.

Pertencem a quanta irmandade por aí existe e subscreveram muitas dezenas de contas na subscrição aberta em favor das obras da Catedral, das quais constituem a comissão directora.

Um é conde papalino e os demais são tambem comendados do Vaticano ou candidatos a tal.

São todos riquissimos e catolicamente exploram o trabalho alheio.

São esses os tartufos que foram acompanhar o enterro dos soterrados da futura Catedral e fugiram "corajosamente" diante de um silencioso e pacifico gesto dos trabalhadores.

Gratuitamente?!

Pasmai: o coadjutor da Sé compareceu ao enterro das vitimas do desastre da Catedral — *gratuitamente*.

Gratuitamente, entendem?

E' o que nos conta, com uma notavel insistencia, a *Gazeta do Povo*, o orgão dos morcegos.

Que pulhas! Estão tão acostumados a não fazer nada de graça, a vender tudo (até o seu Cristo) que quando deixam de receber dinheiro por algum *trabalho*, proclamam o humanitario gesto aos quatro vento.

E' pasmoso: o coroadinho Manuel Pais apanhou um carro, foi ao necroterio da Central, deitou alguns borrifos de agua e algum latinorio sobre os caixões do mortos, acompanhou o enterro até o cemiterio... foi escorraçado... e não recebeu um vintem sequer por tanto esforço!

Oh! que santa abnegação catolica!

Gratuitamente?! E' inacreditavel.

Declarações de pesar

A Loja União Espanhola, na ultima reunião, realizada no dia 25 do corrente, fez lançar na acta dos trabalhos um voto de profundo pezar por esse triste acontecimento, que vem cobrir de luto a classe operaria.

***

A S. B. Operaria, de Capivari, representada pela sua directoria, composta dos companheiros Israel Pires do Amaral, Tomé Dumas, Germano Rodrigues, Horacio C. Toledo, Antonio Francisco da Silva, Francisco L. de Campos e Avelino J. da Costa, comunicou ao Sindicato Operario de Oficios Varios daqui ter lançado na acta de sua ultima reunião um voto de profundo pesar pelo morte dos quatro operarios nas obras da Catedral, declarando ao mesmo tempo solidario com o protesto lançado em publico contra os constantes acidentes produzidos pelo descaso dos encarregados das obras pela vida dos proletarios.

Outras notas

Ha ainda muitas notas interessantes a respigar, mas esta já vai longa e nós não dispomos de mais mais tempo e espaço.

No proximo numero voltaremos á carga.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Belgica

Dr. Luciano Hénault

No dia 18 de junho, faleceu em Bruxelas o dr. Luciano Hénault, chefe do serviço ginecologico no hospital de Saint-Gilles e militante estimado e talentoso do anarquismo e do livre pensamento. Foi vitima dum mal terrivel contraido no decorrer duma operação.

Nascido em 20 de outro de 1870, combateu nas fileiras avançadas desde os bancos das escolas e conservou intacto ate á morte o seu ideal, tendo conquistado a sua honrosa posição á força de talento e de canseiras.

Fundou e redigiu o belo semanario comunista-anarquista *O Despertar dos Trabalhadores*, que teve de abandonar para ir para o Paraguai, em busca do ganha-pão. Ao cabo de dois anos, voltava á Belgica...

Com João Dons, fundou a associação dos «Amigos do Orfanato racionalista» e uma revista pedagogica. Traduziu a obra postuma de Ferrer sobre a *Escuela Moderna* e deixa o manuscrito duma grande historia das religiões, que começa por tratar da moral entre os animais e vai até ás origens do cristianismo. Tambem escreveu varios trabalhos sobre ginecologia e cirurgia. Era socio do Livre Pensamento.

O seu caracter integerrino e a sua bondade tornaram-no digno da mais sincera estima e admiração da parte de todos os que o conheciam — amigos, colegas, correligionarios e até adversarios. No seu enterro compareceram até catolicos!

***

Notas miudas

A *National Secular Society*, associação de livres pensadores ingleses, realizou o seu congresso anual em 31 de maio, em Londres, tratando especialmente das leis de blasfemia.

***

Teem-se fundado, em França e Italia, associações de socorres mutuos para os ex-padres, que só em Milão são cerca de 3.000 e em Paris uns dois mil.

ESCOLA MODERNA DE S. PAULO

A obra realizada por esta benefica instituição, se bem que modesta, não deixa de ser digna de interessar todos os espiritos elevados e todas as inteligencias esclarecidas que se preocupem seriamente com o renovamento social operado nas consciencias, pela escola.

Obra modesta dissemos, porque sem dispôr dos meios necessarios para proporcionar, em larga escala, o ensino racional e intuitivo a toda a infancia que dele carece, é apezar de tudo uma tarefa que tende a alargar-se, a firmar-se no espirito publico e a conquistar os seus incontestaveis direitos á consideração dos homens de saber e de pensamento.

A *Escola Moderna* é um ideal a realizar-se. Como o vejetal que nasce duma simples semente, primeiro debil e fragil, sem dar nas vistas de alguem, depois se vai desenvolvendo e robustecendo, até se tornar planta copada e frutifera, proporcionando-nos sombra, frutos, lenha, madeira e embelezando a paizagem, assim tambem a *Escola Moderna*, hoje obra humilde, amanhã se robustecerá, se alargará e se imporá á consideração publica quando com a criação de escolas em todos os bairros de S. Paulo e por todo o interior for espalhando os beneficios do seu ensino, disciplinando os espiritos, elevando as inteligencias, estofando o entendimento, enfim orientando e libertando.

O que é preciso é que todos que compreendam o alcance deste empreendimento não neguem o seu concurso a esta obra em que andamos empenhados e concorram com o seu grão de areia para o edificio colectivo.

E todos, por modestos que sejam os seus conhecimentos, podem ajudar a criar uma mentalidade nova na infancia e concorrer para o alargamento da obra da Escola Moderna.

Nas localidades onde seja possivel, podem e devem abrir escolas onde o metodo intuitivo e racional seja aplicado.

E, depois, nas familias mesmo, com um pouco de cuidado e sacrificio, gastando-se um bocado de tempo, brincando com as crianças, divertindo-as, um pae ou mãe com inteligencia orientada, pode a titulo de brincadeira exercer enorme influencia no desenvolvimento da mentalidade infantil.

E' maravilhoso e surpreendente o que em familia se pode fazer. Com simples pausinhos, fosforos por exemplo, com taboinhas, a contagem e as figuras grometricas; com areia ou terra amassada dar-lhe a imagem dos relevos geograficos em miniatura, mas isto sempre a titulo de brinquedo sem nenhuns intuitos retoricos, sem falar em geometria, nem aritmetica, nem nada. Brinca-se e é o suficiente. Estas impressões vão-se gravando nesse aparato maravilhoso que é o cerebro infantil, ancioso de sensações, e a todo tempo prestarão serviços inestimaveis que muito ajudarão o ulterior desenvolvimento mental. Alargarão o vocabulario, condição essencial para a expressão das ideias, e alargarão o entendimento, condição essencial para a compreenção e eclosão das ideias.

Mas seria impossivel em um simples artigo dizer tudo quanto ha de admiravel no ensino racional.

Que todos que amem as crianças, as flores infantis, procurem rodea-las do carinho e do amor indispensaveis ao seu desabrochamento.

Que todos auxiliem a grandiosa obra que a Escola Moderna tem em vista, já procurando alargar e espalhar os seus metodos e fins já auxiliando-a monetariamente.

A. Tavares.

O ESPECTRO DE FERRER

Toda a corja clerical de Espanha se agita para obter que em Bruxelas seja retirado da praça publica o monumento a Ferrer. O jornal carola *A. B. C.* é que tomou tão ridicula iniciativa.

A tatica recomendada é a seguinte: mandar milhares de bilhetes postais ao sr. de Broqueville, presidente do ministerio belga.

E' claro que semelhante tentativa não pode dar resultado, pela oposição que sofreria. A este proposito, *La Pensée*, de Bruxelas, diz francamente:

"Declaramos que seria o governo, e não a estatua, que iria para o deposito das velharias".

Nessa não cairá, pois, o governo belga: a aventura podia ter para ele consequencias demasiadamente sérias, por causa de pouco...

Demais, parece que o proprio sr. de Broqueville não gostou da pressão que sobre ele pretendiam exercer os estupidos clericais espanhois.

Vê-se que os clericais mauristas não podem conciliar o sono, perante o espectro de Ferrer. Pois que comprem cloral. Ou então, sigam o conselho de *La Bataille Syndicaliste*: leiam os orgãos clericais na cama. Não ha melhor soporativo.

O remedio é excelente; mas o abuso dele embrutece...



Secção amena

O tio conego:

— Ignorancia e ociosidade, é essa a tua vida! Que farás tu, quando fores homem?

— Não se incomode, tio, serei padre, como o senhor.

***

Um patusco esbofeteia um judeu, dizendo lhe:

— Isto é por vocês terem crucificado o meu Redentor...

— Mas isso foi ha quasi dois mil anos!

— Pois eu só ontem é que o soube.

***

Um pintor, que está pintando um quadro sacro para uma igreja, diz ao pobre diabo que lhe serve de modelo:

— Você precisaria de ter na mão alguma coisa que lhe desse o aspecto de um bem aventurado...

— Dê-me uma nota de 5$000 réis...

NA LINHA MOGIANA

Caloroso apelo aos amigos da "Lanterna" residentes nessa zona

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha já começou a percorrer a toda linha Mogiana, devendo visitar todas as localidades servidas por essa estrada.

Fazendo esta comunicação aos nossos amigos e assinantes residentes nessa zona, dirigimos-lhes um caloroso apelo para que facilitem a tarefa do nosso companheiro, contribuindo promptamente com a importancia de suas assinaturas ou deixando-as em suas residencias, caso não possam ser facilmente encontrados.

Devido ás precarias condições gerais, que, infelizmente, pesam de maneira mais directa sobre as obras de propaganda, encontramo-nos em serios embaraços para fazer face aos inadiaveis compromissos da Lanterna.

Os nossos amigos terão isso em conta e demonstrarão mais uma vez que amam a obra sustentada pela nossa folha.

* * *

O nosso companheiro seguirá o seguinte itinerario:

Amparo, Serra Negra, Mogy-Mirim, Mogy Guassú, Pinhal, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Vargem Grande, Casa Branca, Itoby, S. José do Rio Pardo, Guaxupé, Muzambinho, Cabo Verde, Caconde, Vila Arceburgo, Mocóca, etc.

Ecos & Notas

SACRO FERRABRAZ

Esta vida de propagandista, que é, inegavelmente, prenhe de grandes e constantes preocupações, de dissabores mil, não deixa de ter os seus momentos de bom-humor, de largas satisfações.

Ampara-nos, assim, a lei das compensações, contra a qual se partem as nossas lanças iconoclastas.

E' na correspondencia com que o Correio, aliás bem pouco zeloso conosco, diariamente nos atarefa onde nós, não raro, encontramos o motivo desse contentamento que nos abroquela para suportarmos, sem risco de grandes avarias, os embates dificeis.

Essa é a razão por que esvaziamos todos os dias com indizivel anciedade a nossa sempre recheada caixa postal.

Que de surpresas lá não encontramos! Quanta coisa interessante ela nos transmite!

E como não somos egoistas (qualidade inerente á gente santa), vamos satisfazer a aguçada curiosidade do leitor fornecendo-lhe um precioso bilhetezinho que, tresandando á puresa da alma clerical, acaba de nos chegar ás mãos.

Veiu-nos do Serro, cidade do Estado das Alterosas, escrito á margem do numero da *Lanterna* que foi encapando os exemplares dirigidos para a agencia postal dali.

Quem o escreveu? *Chi lo sá?*

O bilhete é anonimo, entretanto, está-se a ver por entre as suas seraficas palavras o rabo do bicho que o escreveu.

Mas, saboriemos a preciosidade sagrada:

«Pasquim imundo como este, só devolvido, a não ser esfregado na cara dos redactores. (Nota: quem escreve não é sacerdote: é um pai de familia que preza o Catolicismo — Bandidos!! Miseraveis!

Cidade do Serro, 2 — 6 — 914.»

Aqui-d'el-rei, quem nos acode? Com um valentão destes não se brinca.

Felizmente, o Ferrabraz de sacristia deve estar a muitas leguas daqui.

O homem corajoso diz que é catolico.

Escusado era dize-lo. Pois ainda poderia haver duvida a tal respeito?

E' catolico e pai de familia. Folgamos em saber disso.

Naturalmente, logicamente a sua cara-metade vai á igreja e, como fiel esposa de um fiel do catolicismo, ajoelha-se, a sós, no confessionario, com o santo vigario da terra, não é verdade?

Por certo que sim, pois do contrario não prezaria o catolicismo.

E' quanto nos basta saber para nos precavermos de um possivel ataque do bruto.

Teremos sempre de promptidão, ao lado da nossa mesa, uma capa de toureiro e um par de bandarilhas...

NOTA ALHEIA

Luiz XVIII tinha frequentemente boas frases, á guiza de replica. Quando o Pantheon foi devolvido ao culto, houve ideia de expulsar de lá os restos de Voltaire.

— Deixem, respondeu o rei, a quem se falara nisso. Ele será bem punido, tendo que ouvir missa todas as manhãs.



Morcego não! Lepra sim!

Um amigo da *Lanterna*, no intuito louvavel de arranjar um termo que bem classificasse essa casta daninha que tanto fervilha no Brasil, bandos de tonsurados e sotainas cuja unica missão é embrutecer cada vez mais a humanidade paciente e resignada, lembrou o termo *morcego* para aos bonzos, no que não foi feliz.

Chamar ao padre, morcego, topeira, urubú, etc., é ofender os brios desses animais, alguns deles utilissimos ao homem, pelo enorme numero de insectos e parasitas de toda a especie que destroem, ou como o urubú que purifica os terrenos, alimentando-se de carnes putrefactas que doutro modo empestariam a atmosfera.

Cá no meu entender, comparar o padre, esse parasita, a qualquer dos seres que é costume comparar, é usar da mais negra ingratidão para com esses animais, dignos auxiliares do homem e que dificilmente poderia viver na terra sem o seu concurso.

E' que o padre constitui um ser á parte, unico, paradoxal, na natureza. O padre não tem representação alguma identica no mundo. O padre só se parece consigo mesmo ou então com outro padre. Um meu amigo lembrou-se de o comparar com «um saco de carvão» porque onde toca suja; mas ainda isto é injusto. A mancha do carvão sai com um pouco de agua e, depois, o carvão é producto da arvore a quem tudo devemos, que transformada em carvão ou lenha nos dá luz e calor.

O padre, sendo um ser mostruoso que tudo que toca corrompe, mancha, embrutece e perverte só se pode comparar com a lepra, essa doença repugnante que sempre foi olhada com horror através das idades.

Pena é que os padres não usem de matraca, como antigamente usavam os leprosos, anunciando ás gentes, que se aproximavam, para todos se porem a salvo dos ares e das vistas de seres tão pouco simpaticos.

Então chamar-lhe-emos lepras ou leprosos, não é verdade?

Esta acunha de lepra ou leproso é a mais apropriada a aplicar a esses tartufos e seus acolitos.

Porque é repugnante á vista; contagiosa para quem se aproxime, porque onde toque logo contamina, eis as coincidencias que descubro entre uma horrivel doença e essa cafila de ensotainados, esses animais nocivos a tudo que diz respeito ao desenvolvimento moral, intelectual, fisico ou artistico da humanidade e que, como a lepra, constituem o peor dos flagelos.

Sim! Deve-se-lhe chamar lepras.

Quando passe uma dessas alimarias que usam sotaina, em vez de albarda, digam todos: aí vai um lepra!

E como da lepra todos se devem afastar e, como aos leprosos, encurrala-los nas gafarias.

Riga.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociais da Bela Vista — Segunda-feira proxima, ás 19 horas, reunir-se-á esta agremiação, na rua Manuel Dutra, 33, para tratar de assuntos que interessam o seu desenvolvimento.

Pede a sua comissão executiva o comparecimento de todos os associados e das pessoas que a ele se queiram inscrever.

EM CORITIBA (PARANA')

Centro de Livres-Pensadores Francisco Ferrer — Esta agremiação paranaense elegeu a sua nova directoria, que ficou assim constituida:

Presidente, Adolfo Silveira; secretario, Benedito Peixoto; tesoureiro, Alcebiades Oliveira; orador, Ciro Silva; substituto para todos os cargos, Otacilio P. S. Reis.

A sua posse foi solenizada com uma grande festa, que a todos agradou bastante.

Aos correligionarios da associação de livres-pensadores coritibanos enviamos as nossas saudações, fazendo votos para que sua obra, para gloria do grande martir que lhe serve de patrono, seja coroada de completo exito.

EM BAURU'

Sociedade Luz — Na assembleia geral realizada no dia 1.º do mez findo, foi eleita a nova comissão administrativa desta utilissima associação.

Nessa mesma reunião foi deliberado suprimir os cargos de presidente e vice-presidente, ficando a administração formada por dois secretarios e um tesoureiro, para cujos cargos foram eleitos os companheiros Virgilio Ramacciotti e José Jometti.

Afim de angariar fundos para a manutenção da «Escola Moderna» que mantêm e que agora está a cargo do companheiro Joseph Jubert, foi organizada uma festa que se realizará hoje e amanhã.

Hoje, na séde da Sociedade Dante Alighieri, haverá um baile e leilão de prendas, e amanhã deverá realizar-se a extração da tombola.

Da comissão dos festejos fazem parte os companheiros Luiz Bonetti, Rafael Poletti, Alfredo Massena, Giacomo Crivelli, Valencio Ferraz e Luiz de Campos.

Para esta festa, que desde já promete ser brilhante, já foram distribuidos mais de 300 convites.

As prendas para o leilão podem ser entregues a qualquer dos membros da comissão.

OS JESUITAS E O REGICIDIO

A proposito do atentado de dois patriotas servios contra o arquiduque Francisco Fernando, clerical notorio, convêm recordar um facto historico.

Arnoldo Oscar Meyer publicou há pouco um volume intitulado a *Inglaterra e a Igreja catolica no tempo de Isabel e dos Stuarts*, com o resultado dos estudos e investigações por ele feitos nos arquivos de Estado em Londres e na Biblioteca Vaticana.

A obra contêm dois documentos, que mostram á evidencia terem estado os jesuitas e seus sequazes dispostos a matar a rainha Isabel e terem os papas Pio V (santo canonizado) e Gregorio VIII incitado os regicidas a andarem depressa.

Em 14 de novembro de 1580, mons. Sega, nuncio apostolico na Espanha, escrevia ao cardeal Galli — "cardeal de Como" — uma carta á qual pertence a seguinte passagem: "Entre as outras coisas que me disse este doutor Nafrido Elei, com muito segredo, porêm, (com grande segredo, em nome de alguns nobres da ilha e dos mesmos padres jesuitas), é que os sobreditos nobres estariam resolvidos a tentar matar a rainha, se tivessem a certeza, — ao menos pela palavra, na qual diz que acreditariam, quando ele escrevesse ou lhes respondesse na presença, como se oferece para fazer, — de que Sua Santidade garantia que por aquilo não cairiam em pecado, pelo perigo que correriam de morte propria ao tentarem coisa tão grave e perigosa.

"Respondi-lhe que, pelas palavras da sentença de Pio V, de santa memoria *(trata-se da bula de 1570 contra Isabel)*, parece que poderiam estar seguros, pois particularmente dá licença a todos os vassalos de tomarem armas contra a rainha impune: com tudo isso não deixarei de motivar esta proposição para se entender mais individualmente o que Sua Santidade ordena, tendo-lhe acrescentado que, ainda que o papa não quizesse declarar coisa alguma ante o facto, pelo menos lhes garantiria que Sua Santidade, aos que sobrevivessem após tal facto, daria todas as absolvições e declarações necessarias ou *ad abundante cautela* para as pessoas dos ditos sobreviventes".

Monsenhor Sega termina a sua carta dizendo que, respondendo aos que haviam planeado assassinar a rainha de Inglaterra, lhes dissera tambem: "Se estais dispostos a agir, andai depressa".

A 12 de dezembro de 1580, por incumbencia de Gregorio VIII, respondia o cardeal Galli á carta precedente, dizendo entre outras coisas:

"E' fora de duvida... que quem tirasse do mundo aquela criminosa femea de Inglaterra, com o justo fim de servir a Deus não só não pecaria, mas até praticaria um acto meritorio.

"Mas se esses cavaleiros ingleses se decidem deveras a executar tão bela empresa, pode V. S. garantir-lhes que não incorrerão em nenhum pecado..."

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

União dos Chapeleiros — Esta associação realiza amanhã, domingo, ás 8 1/2 da manhã, uma assembleia extraordinaria para tratar de assuntos de grande importancia para a classe.

A comissão pede o comparecimento de todos os associados. Séde: Ladeira de S. Francisco, 7.

Sindicato dos Confeiteiros — Este sindicato, fundado ha pouco, continua em franca actividade, procurando congregar a classe.

Na proxima segunda-feira, 3 do corrente, realizará uma assembleia extraordinaria para resolver sobre assuntos de maxima importancia para a boa marcha do Sindicato.

A reunião terá lugar ás 19 1|2 horas, na sua séde social, sita á Ladeira de S. Francisco, 7.

Nenhum confeiteiro deve faltar a esta assembleia da classe.

Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes — Depois de varios mezes de apatia, entra novamente em actividade este sindicato de resistencia, que muito tem a fazer para conseguir a arregimentação de toda a classe da arte muraria.

Já realizou uma reunião preparatoria, que foi regularmente concorrida, ficando assente realizar uma assembleia geral hoje, sabado, ás 19 1|2 horas, para decidir sobre os meios a empregar na obra da organização completa da classe.

A assembleia se efectuará na séde social, á Ladeira de S. Francssco, 7.

A comissão reorganizadora pede o comparecimento de toda a classe.

CURIOSIDADES RELIGIOSAS

Um colecionador de autografos interessantes indo uma vez visitar o Convento da Ajuda do Rio de Janeiro, que já foi derruido, encontrou atraz de uma porta um monte de papeis rasgados. Entre esses ele apanhou retalhos de carta que guardou cuidadosamente. Não ligou no entanto importancia alguma a esse achado, que julgava sem valor, até que, ha pouco tempo, revendo seus guardados, observou mais cuidadosamente os retalhos tirados do convento e pôde lêr neles as seguintes palavras: "...desejo muito,... muitos anos, sofro de..., mais, ...edito na... pos... etc.

Vendo que se tratava de uma carta escrita a uma freira, ele levou os papeis a um perito, que conseguiu coordenar as palavras encontradas e reproduzir mas ou menos o seguinte recado:

"Desejo muito estar contigo; sofro de muita saudade e por ti só mais quizera sofrer, acredito na possibilidade de..."

Era com efeito, e pela letra logo se advinhava, uma carta de amor escrita por um homem á uma das recolhidas da Ajuda.

Depois de factos semelhantes pretendem afirmar que ha quem esqueça o mundo.

Pois sim!

O povo de Queluz e os padres

De alguns anos para cá, não tem sido o povo queluzense feliz com os seus vigarios; e, no entanto, não vemos razão plausivel para que isso aconteça, pois não existe povo mais delicado, mais urbano e mais respeitador da opinião alheia do que os da bela cidade do Norte.

Se algum motivo ha para essas desavenças entre o povo e o padre, o unico e brutal culpado é este ultimo que não sabe em absoluto obedecer á moral.

A Lanterna, ha dois anos talvez, abriu uma campanha formidavel contra um tal Inacio Gioia que, por se julgar investido da abjecta função de vigario, julgou-se tambem com o direito de ofender impunemente a moral e o pudor das familias queluzenses. Essa campanha provocou a fuga precipitada do d. Juan, que se acha actualmente pregando sua falsa doutrina em outras paragens.

Esse ultimo vigario, Paulo Machado, mondrongo reconhecidamente estupido, pelo seu procedimento incivil com uma população tão cortez, está merecendo, por certo, um corretivo mais energico do que uma simples expulsão.

A população de Queluz já contêm em seu seio grande numero de livres-pensadores e as campanhas movidas contra os sacerdotes pulhas dão a prova mais cabal disso que afirmamos; a maior parte do povo queluzense é declaradamente anti-clerical apezar de frequentar a igreja com muita assiduidade.

As diversas obras de caridade levadas a efeito em Queluz mostram claramente a indole boa e meiga do povo dessa cidade, e todas as pessoas que a visitam ficam cativos pelo espirito hospitaleiro da sociedade.

E' justo, portanto, que classifiquemos de abjecto o individuo, que com seu procedimento vergonhoso de padre, não sabe corresponder ás maneiras correctas do povo.

Estamos certos, pois bem conhecemos a indole dos queluzenses, que esse imundo Paulo Machado será merecidamente castigado pelo seu procedimento; mostrar-se incivil para com um homem é ser malcreado mas insultar uma moça é muito mas do que isso: é ser covarde!

Aos covarde só o chicote na cara!

Felix Auzemir.

N. DA RED. — A população de Queluz é anticlerical e frequenta a igreja?! Não compreendemos como isso possa ser. Permita-nos o nosso estimado colaborador a observação.

Lanterna Magica

Padre "generoso"

Em Nausier, França, os catolicos notaram que o vigario, aparentando uma caridade extraordinaria, sustentava a familia de um lavrador de nome Ferdinando com uma pesada mensalidade.

Morrendo, porêm, esse lavrador, houve um atrito entre sua familia e o tal padreco, seguindo-se então as competentes declarações de parte a parte, que deram como resultado total um escandalo dos maiores. O padre era amasiado com a mulher do lavrador e este, no seu papel de marido enganado e respeitador do bom nome catolico, tendo conhecimento da infamia, chamou á ordem o padre que, para evitar escandalo, comprometeu-se a pagar uma certa quantia todos os mezes, continuando, no entanto, a viver maritalmente com a mulher. Tão bem feita tinha sido a coisa que o povo não a discobriu. Morrendo, porêm, o lavrador, o padreco julgou a ocasião conveniente para se livrar da carga e embolsar dessa maneira os seus ricos cobres, visto como outras amantes não faltavam...

A mulherzinha, que não estava pelos autos, bramou; o padre quiz convence-la do contrario sob ameaças.

Ela tomou então a resolução suprema de recorrer á autoridade a quem relatou toda a "encrenca" com os seus pormenores.

O padre desapareceu no dia seguinte.

Confundem-se...

A campanha movida contra o caftismo em todos os paizes civilizados da terra tem encontrado sempre da parte dos deliquentes uma resistencia atroz, que se traduz nos diversos meios astuciosos que os bandidos empregam afim de atrair a mercadoria.

Descobriu-se agora que esses negociadores de carne humana, que teem agentes em quasi todos os paizes da Europa e da America, lançam mão de um novo meio de seducção.

Uma rapariga qualquer ao desembarcar em uma cidade, sendo, naturalmente, inexperiente, procura obter informações com o fim de tomar o seu destino e obter colocação.

Encontra, então, uma freira que, por meios delicados, convence-a que pode auxilia-la.

No entanto essas religiosas nada mais são do que agentes de caftens e grande já é o numero de jovens seduzidas por esse meio.

A Italia, a França e a Alemanha já se puzeram a perseguir os caftinas disfarçadas por essa forma, aliás muito apropriada para meio de seducção.

A's pessoas ingenuas ou ignorantes essas mulheres religiosas parecem impor uma certa confiança, que na verdade é infundado, pois não existe classe mais perniciosa do que a clerical.

E servindo de instrumento para o caftismo, com vontade ou sem ela, está a clericanalha no seu papel de inimiga da moral e da sociedade.

Com a chave de S. Pedro

Em Moguncia, ha um restaurante chamado *Ao Espirito Santo*, por estar instalado numa ex-igreja daquele nome. Um dia retine a campainha do telefone, o patrão acorre e ao sacramental "quem fala?" responde:

— Aqui é o Espirito Santo.

— Oh! desculpe! diz do outro lado uma voz; a ligação foi mal feita. Era só ao sr. bispo que eu desejava falar.

BILHETES E RECADOS

Amparo — J. de O: Muito gratos lhe somos pelo auxilio prestado aí ao nosso companheiro Abranches. Faremos nova remessa dos 2 ns. extraviados. Saudações.

Campinas — E. Boschiero: Infelizmente, não se encontra mais nenhum exemplar da bela alegoria que pede. Saudações.

Rio — F. Auzemir: Em mãos os seus originais, que publicaremos. Fizemos a correcção. Saudações.

Pelotas — C. S. D.: Recebida a tua. Que curioso trio foi dar com os costados nessas sulinas paragens... E' o semen heretico que se vai espalhado por todo este Brasil. Logo que aparecerem os livros serás avisado. Deve andar ele muito atarefado com a *Voz* e a Confederação. Cumprirei a penitencia tão logo que me seja possivel... Saudações aos da trempe e demais camaradas. Saude!

Rio — Jango: Recebi a gravura. Animador este ultimo numero da *Voz*. Bravo! Caminha-se, apesar de tudo. Saudades de todos.

Maceió — A. V. Lins: Recebemos os jornais. Comentaremos. Os *brutos* estão furiosos e é natural. Publicaremos o conto. Sim, os nossos esforços vão dando bons resultados. Escreva sempre qualquer coisa sobre o que observar nas suas viagens. Saude!

Passo Fundo — M. G.: E' preciso não desanimar. As dificuldades são muitas, mas devemos vence-las abrindo caminho para a boa causa. Gratos pelas indicações. Saudações.

Rio — Dr. M. F.: Ficamos-lhes muito gratos pela oferta. Se todos os amigos do jornal assim procedessem, estariamos, em breve, livres das grandes dificuldades que embaraçam a boa marcha da nossa propaganda. Saudações.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

São convidados todos os srs. associados a comparecer á assembleia geral que se realizará quinta-feira, 6 de agosto, ás 20 horas.

A Directoria.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Ferrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros ... 1$000
Cantos Sociais (diversos autores) ... $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 ... 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* ... 1$000
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* ... $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* ... $300
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $300
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* ... $300
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* ... $200
Eugène Pelletan, *A Inquisição* $200
Dr. N. Bouby, *O Sagrado coração de Jesus* ... $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaubrenard, *O Celibato* ... 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* ... 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* ... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* ... 1$500
Luis Bulfi, *Greve de Ventres* ... $200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado* ... $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* ... $200
José Rizal, *Noli me tangere* ... $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* ... 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher* ...
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* ... 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* ... 2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras* ... $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* ... $200
Neno Vasco, *Géórgicas* (ao trabalhador rural) ... $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* ... $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* ... 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) 1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* ... 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* ... $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* ... $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* ... $400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia* ... $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* ... $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* ... $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* ... $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* ... $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* $200
Guido Podreca *Il divorzio* .. $200
Maximo Gorki, *Interviste* ... $500
» » *Il compagno* $200
» » *L'uomo* ... $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria* ... $200
» » *I prodotti della terra* $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* ... $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio* .. $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* ... $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* ... $200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia* ... $300
» » *Operai, non bevete!* ... $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* ... $200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese* ... $300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* ... $100
» » *Consigli e moniti* ... $100
E. Vandervelde, *Le città Piovre* ... $200
C. Andrea, *Un Sogno* ... $100
» » *Il socialismo* ... $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* $300
» » *Lo Sciopero* ... $100
E. Ciacchi, *Ai contadini* ... $100
» » *Le nostre Leghe* ...
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* ... $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* ... $200
G. Renard, *Agli Studenti* ... $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* ... $300
A. Valente, *Conferenze sociali* ... $300
F. G. Paoloni, *Primo Maggio* ... $100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* ... $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi) $300
» » *Per la riduzione delle spese militari.* $300
Resoconto del 1.º Congresso dei lavoratori della terra .. $200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gic[illegible] $300
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña ... $400

Em todos os preços acima está incluido o porte do correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Clues.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* ... $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière* ... $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* . $200

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largoo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

* *

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

—

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	15$000
50 » »	7$000
Avulso	300

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

—

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario communista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 franco
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

FOLHETIM DA LANTERNA (29)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XIV

Toledo

O seu cabelo grisalho, agora penteado, emoldurava um rosto sempre com a mesma energia, mas do qual desaparecera a expressão transviada de odio e sofrimento. E agora que o sossego e o bem-estar lhe tinham abrandado as feições, melhor se podia reconhecer que aquela mulher devia ter sido bela outrora.

E' agora o factotum de Sossa, guarda desta pequena habitação pertencente a Padilla. E' uma tarefa facil que lhe deixa alguns ocios e lhe garante o abrigo e o sustento. Materialmente, nunca ela foi tão feliz. E nesta quietação reparadora do corpo, anda o seu espirito a vadiar. Diante dela repassam muitas figuras: Maria Pacheco, Santafierno e a Chipa, essa companheira de juventude que ha tanto tempo desapareceu misteriosamente.

A sala, bem alumiada agora, é apenas mobilada com a grande mesa de carvalho e meia duzia de cadeiras. Dependurado na parede, marca as horas um pequeno relogio de Nuremberg, de cobre doirado. O pavimento ladrilhado é coberto por simples esteiras de junco; uma espessa cortina vermelha mascara a janela estreita, mas no teto ha uma grande lucarna envidraçada, que durante o dia dá passagem á luz solar e por onde, em caso de necessidade, seria possivel a ascensão para o telhado.

— Está bem, diz Padilla.

A Gizarra retira-se. Sentados defronte um do outro, os dois cavaleiros permanecem um instante silenciosos.

— Então, diz rindo o segoviano, estamos mortos?

O seu amigo vai responder-lhe, mas neste momento soam á porta da rua pancadas ritmadas.

— Vem gente, diz Padilla, que se levanta para ir receber o ou os visitantes.

Sossa reaparece, alumiando com a sua lanterna um homem de uns trinta anos, de fisionomia energica e inteligente, menos aberta, porém, que a de Padilla e a de Bravo. E' Pedro Laso de la Vega, toledano de boa nascença, habil, persuasivo e estimado pelos seus concidadãos.

— Sêde bem-vindo, D. Pedro, dizem-lhe ao mesmo tempo os dois moços.

— Beijo-vos as mãos, senhores, responde o recem-chegado, cumprimentando.

Finda esta troca de cortesias, ia a conversação travar-se, quando á porta soaram novas pancadas. Desta vez, entraram dois estranhos, que trocaram com os já presentes cordiais saudações. Eram tão parecidos que o seu parentesco saltava á vista. E eram com efeito irmãos: Pedro e Francisco Maldonado, cavaleiros de Salamanca.

— Só falta D. Antonio, disse Laso.

O retardatario não se fez esperar muito. Ouviu-se mais uma vez o sinal misterioso e apareceu D. Antonio, recebido com acentuada deferencia, que se dirigia tanto ao seu caracter como á sua idade. Este ultimo a chegar não era outro senão Huerta.

— Heis de me desculpar, senhores, disse ele, o meu ligeiro atraso. Depois de deixar a mula na cavalhariça da pousada onde me apeei, ao encaminhar-me para aqui, pareceu-me entrever uma sombra que me seguia. Achei então conveniente fazer alguns rodeios para que o curioso me perdesse de vista.

— Algum espião da Inquisição, decerto, murmurou Padilla. A cidade anda infestada disso.

— Ora! disse Laso com um sorriso; nós não conspiramos contra o rei nem contra Deus; escusamos de nos inquietar.

— Todavia, senhor Laso, replicou Huerta, as proprias precauções que que tomamos para nos reunir e trocar ideias á vontade a nós mesmos provam que sentimos quanto importa a prudencia. Não conspiramos — seja! — mas, para os que aspiram a sufocar na Espanha toda e qualquer voz independente, o que aqui dizemos poderia ser pior do que uma conspiração.

A estas palavras seguiu-se um instante de silencio. Todos, incluindo Laso, eram da opinião de Huerta.

— E contudo, que queremos nós? disse energicamente Bravo. Conservar ás comunas de Castela as antigas franquias que elas gozaram durante seculos, impedir que todos esses flamengos que circundam o rei lhe ocultem as necessidades e direitos da Espanha.

— Assegurar a independencia das côrtes e a sinceridade das suas deliberações, acrescentou o mais velho dos Maldonados, enquanto o mais novo, pouco falador, aprovava com um aceno de cabeça.

Huerta sorria com semblante entre melancolico e escarninho. Parecia dizer consigo que as reivindicações formuladas pelos seus companheiros eram na verdade modestas em demasia.

— Que vos parece, D. Antonio? perguntou-lhe Laso olhando-o fixamente. Acaso podem acusar-nos de não sermos razoaveis?

— Oh! não.

Esta resposta foi dada num tom sobre o qual o toledano não se equivocou.

— Achais porventura, perguntou ele, que não reclamamos o bastante?

— Juntamente, respondeu tranquilamente o velho. Compreendei a vossa época, que é formidavel. Colombo descobre um mundo; Lutero despedaça a unidade cristã; o Islão, expulso da Europa no Ocidente, reaparece no Oriente; o rei de Espanha marcha para a monarquia universal, sonho que ele só poderá realizar esmagando tudo em seu caminho. E vós, que projectais? Chamar a vós todos os oprimidos da Espanha e de alhures? Formular, neste momento em que o mundo freme, uma carta de liberdade para todos? Fundar uma santa liga que abrace comunas, provincias, Estados? Não! muito simplesmente obter a consagração dos vossos forais! (1)

Laso franzia o sobrolho. Padilla tomou a palavra.

— Senhor Huerta, disse ele, vós sois superior a nós pelo saber e pela idade. A vossa vista alcança mais longe do que a nossa; mas não considerais os forais como origem e base das nossas liberdades?

— Certamente, replicou Huerta; mas isso é já o passado e é para o futuro que nós vamos. A comuna teve o seu papel glorioso e salutar na historia da Espanha; mas se vós vos encerrais no estreito recinto das vossas cidades para aí esperar o embate do inimigo, perecereis. Não sejais simples comuneiros.

— Falamos como se já estivessemos em plena luta civil, disse Laso.

— Eh! senhor, D. Pedro, a luta ha de chegar talvez mais cedo do que cuidais.

— Em tal caso, teremos as nossas espadas e audacia, disse Bravo resolutamente.

— A espada não vale o canhão e a melhor audacia, acreditai-me, é a do pensamento.

Estas palavras de Huerta fizeram uma ruga na fronte de Laso. Cavaleiro de boa linhagem, preocupava-o acima de tudo a manutenção dos privilegios da nobreza, que se via ameaçada de aniquilamento pela centralização monarquica.

Cavaleiros como ele eram Bravo e os irmãos Maldonados, mas não ligavam a mesma importancia ás prerrogativas da sua casta. Eram moços, entusiastas, acessiveis a ideias novas e sem desdem algum pelo elemento popular.

Huerta, que tinha inteira confiança na rectidão de Padilla, nutria grande estima por Bravo e pelos Maldonados. Diante de Laso, retinha-se, julgando-o homem a tratar com cuidados, pois não lhe faltava capacidade e podia ter uma acção real sobre a pequena nobreza toledana.

(Continúa)

(1) Cartas que garantiam as liberdades locais.